

«APESAR DE VIVERMOS NUM PAÍS CIVILIZADO, O PROGRESSO NÃO CHEGOU A TODOS OS LADOS: HÁ RUAS ONDE MORAM PESSOAS QUE AINDA NÃO TÊM AUTOMÓVEL JUNTO AO PASSEIO».

F. S.

A Voz de LULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



PORTE PAGO

(Preço avulso: 5\$00) N.º 727
ANO XXVII 17/5/1979

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

No pináculo da evolução humana?

As investigações científicas não param e têm procurado aprofundadamente a enigmática gênese da humanidade.

Os coligados contributos da geologia, arqueologia e paleontologia, traçaram uma doutrina transformista que aponta para sucessivas etapas da evolução humana.

Segundo os vestígios e dados obtidos em estratos de remotas origens, o tipo humano (tal como o seu psiquismo), sofreu, através de mutações, grandes transformações anatómicas, em nada se parecendo hoje a sua figuração com a dos seus antepassados primatas.

O lento mas progressivo aperfeiçoamento do homem, consumiu milénios, assim deixa perceber a leitura dos fósseis, demonstrando, dedutivamente, que se a nossa espécie atravessou suces-

sivas fases mutacionais a «fisiologia» actual, que ostentamos, ainda não foi acabada, sendo portanto susceptível de posterior modificação.

Qual será, portanto, no futuro, o nosso «rosto»?

Que estádio nos é oferecido atingir?

Damos ouvidos novamente aos entendidos na matéria que tecem, neste domínio, sérias advertências.

Que nos dizem eles? Que poderão eles acrescentar aos, ainda não de todo conclusivos, resultados das suas racionais «autopsias»?

Convirá antes intercalar aqui a observação que, no campo científico, são excluídas as teses metafísicas, e que tudo quanto se sabe ou aceita é oriundo de testemunhos físicos, demonstráveis à luz dos exames laboratoriais e da lógica mais fria. As conclusões

(continua na pág. 8)

PSD: OS TEÓRICOS DA BIPOLARIZAÇÃO

«Há letrados que nem sabem ter modo nas cousas, nem com a razão compreender o que hão-de seguir, e o de que hão-de fugir. E que conselho podem dar os que usam para sua perdição do instituído para sua saúde, e a si mesmos aconselham o pior?» — FREI AMADOR ARAIS

A crise política agudizou-se, consequência das intenções enroladas de banalidades, de personalismos desordeiros das operações destruidoras que se enquadram numa ruptura clara com a própria essência democrática.

Embrenhados nestas suas andanças oportunistas, os partidos desencadearam uma campanha contra o Governo e o Presidente da República sem, no entanto, apresentarem alternativas concretas de governação democrática. Levantaram-se às mordidas para não assumirem as suas responsabilidades perante o eleitorado, cada vez mais descontente em rela-

(continua na pág. 2)

Albufeira desateioada pela falta de habitações

Crónica de LUÍS PEREIRA

De vila maruja

à mais cosmopolita vila de Portugal, Albufeira debate-se com numerosos problemas. É no sector da habitação que as faltas são mais graves. Há mesmo situações dramáticas de pessoas que se abrigam em barracas, em virtude do aumento da população nestas zonas, onde ainda se garante o trabalho de afluência de turistas. Embora a Câmara tenha a noção da gravidade da situação existente, as verbas são incertas e diminutas, os terrenos e os mate-



Vista panorâmica de Albufeira

riais de construção estão cada vez mais caros, tornando-se difícil dar solução a tão delicado problema. É na sede do Concelho que a carência de habitação se faz sentir com maior acentuação, embora a Câmara tenha um projecto para a construção de habitação social (Associação de Moradores, Cooperativa de Habitação, construção de fogos para a renda e outros programas).

O aluguer das casas, durante o Verão, cresce a preços assustadores e as rendas para os trabalhadores estão cada vez mais insustentáveis. Albufeira não é apenas a vila adornada de enfeites turísticos.

O trânsito continua a ser pro-

(continua na pág. 7)

Novo impulso às Águas de Monchique

É já no corrente mês que entra em funcionamento o novo equipamento fabril do Estabelecimento Termal das Caldas de Monchique.

Este novo equipamento que vem contribuir para um melhor aproveitamento dos volumes caudais das Caldas de Monchique está orçado em 20 mil contos e terá a sua capacidade de produção aumentada de 1750 garrafas/hora para 8000 garrafas/hora.

Uma inovação na vida agrícola e rural

O que é a extensão rural?

QUE PROBLEMAS LHE INTERESSAM?

Subscrito pelo Eng.º Agrónomo Duílio Marques e publicado na «Gazeta das Aldeias» de Julho-1978, o artigo que, com a devida vénia, transcrevemos tem o fim, que cremos meritório, de elucidar os habitantes que compõem a vasta massa das freguesias rurais

de Loulé e ao mesmo tempo dar a conhecer aos membros da Assembleia Municipal uma nova ideia recreada de utilitarismo e lançada com muita oportunidade pelas Direcções Regionais de Agricultura, entre elas a de Faro,

Em presença do atraso sócio-cultural, em parte devido ao isolamento para onde, ostensiva-

(Continua na pág. 3)

Cada vez menos miradouro o «Jardim dos Amuados»...

Não é a primeira vez que me ocupo do «Jardim dos Amuados» (sem inibições)... e estou em crer que não será esta a última oportunidade de nele atentar.

O «Jardim dos Amuados», tem quanto a mim peculiaridades semelhantes e dissemelhantes a outros jardins plantados em *patamares altaneiros*.

E, precisamente, porque «se-

melhança» não quer dizer «idêntico», daí a razão das peculiaridades que atribuo e descortino de forma muito particular ao «Jardim dos Amuados», quase em termos de exclusividade.

Segundo as murmurações um tanto vagas mas que suponho virem de remota origem, este logradouro público, juncado de flores e sombreado por belas palmeiras, foi em tempos idos um cemitério de serracenos.

Localizado num ponto visual dominante das muralhas, dali sempre se avistou, em «grande angular», o barrocal encrespado alongado até à linha sinuosa do horizonte — traço de união geológico entre a serra e o litoral.

Mais tarde, incapaz de ficar espantilhada pelo reduto que a

(continua na pág. 7)

Um aspecto bonito do conhecido «Jardim dos Amuados»



CARTA DO CANADÁ

AMEIXIAL

— DISTANTE, MAS PERTO!...

Foi através deste órgão de informação «A Voz Loulé», que gradualmente me fui apercebendo do descontentamento das pessoas da sede da freguesia, em face a esse malfadado problema da água, e que de vez

foi despoletado pelo PSD, causando toda uma avalanche de argumentos que pela sua natureza mostram tendência a ficar teatralizados no jogo do empurrar!... O senhor Presidente da

(continua na pág. 7)

A ANOP ENCONTROU-SE COM A IMPRENSA REGIONAL

(Ler na página 8)

PSD: os teóricos da bipolarização

(continuação da pág. 1)
ção às atitudes poeirentas da «crise política».

O Partido Social Democrata, à semelhança do Partido Comunista, deixou bruscamente transparecer o seu carácter de derrubar governos criando um poço vazio na cena política portuguesa. Incapaz de se definir claramente e apresentar uma proposta doutrinária segura, pegou no véu do Partido Socialista, com tristes experiências governativas, para edificar o seu progressismo e fazer-se pelo alto da Internacional Socialista. E irritou-se tão subitamente contra o Governo Mota Pinto e o Presidente da República.

O 1.º de Maio aumentou a confusão e a perplexidade.

A Inter (ligada ao PC) e a UGT (PS-PSD), associam-se nos ataques ao Governo, numa caçada às massas trabalhadoras que certamente já não se mexem tanto pela folia sindical.

Disfarçadamente o PSD parece fazer uma política verbal de direita mas abre o caminho à esquerda desarrumando o xadrez político e desengonçando a acção governativa dos independentes.

É propósito dos partidos atirarem as culpas para o Presidente da República quando, afinal, agem como forças desestabilizadoras não permitindo o entendimento democrático e a acalmia política necessária para a resolução dos problemas mais prementes.

A semelhança de 1926, num prosseguimento de objectivos pouco coerentes, os partidos políticos baralham a opinião pública e sangram o silêncio numa angustiante fiada de golpes, ignorando a profundidade das coisas no seu quotidiano carreirista e meramente pessoalista.

O Partido Social Democrata aparece a galopar em direcção à bipolarização, alastrando a sociedade com erros e contradições que em nada beneficiam a democracia. O medo do militarismo eanista constitui uma gargalhada uma vez que o Presidente da República se definiu pelo pluralismo ideológico, pluralismo esse ignorado pelos partidos durante estes cinco anos de tragicomédia revolucionária. O dr. Sá Carneiro pretendendo esconder a cisão no seu patido começou a ziguezaguear na sua política e acabou aberto ao Partido Socialista esmigalhando à partida a Frente Eleitoral Democrática do Prof. Freitas do Amaral.

Apenas o CDS e os reformadores optaram por uma política construtiva não fazendo uma obstrução cerrada ao Governo e ao Presidente da República. Todos os outros partidos de novo barulhento optaram pela camuflada política de rasgar os horizontes da democracia pluralista, assente no diálogo e na solução dos problemas nacionais.

As asneiras têm-se repetido ao longo destes cinco anos de incoerência política e de manobras totalitárias, um feixe de experiências importantes e medíocres, a sucessão de sistemas afogados em confusão em que o País vai perdendo o controle do próprio corpo económico, político, social e cultural.

Simultaneamente o dr. Sá Carneiro, o dr. Soares e o dr. Cunha, que em tempo nenhum se entenderam, misturam-se num amontoado de matérias furiosas, invia-

bilizando um Governo que herdou as pesadas heranças dos desvios e das arbitrariedades revolucionárias. Desta vez o PSD enfiou no saco dos marxistas e juntou a sua voz que só têm berrado por justiça e prosperidade sem terem feito o mínimo para a reconstrução económica do País; aliás foram eles os que agitaram os trabalhadores, os que assaltaram as empresas e semearam a desordenação laboral e a incompetência administrativa.

As vitórias obtidas pela coligação PSD/CDS em Valença do Minho deveriam ser meditadas pelos militantes e simpatizantes socialistas-democratas, para que não caiam nas ambiguidades das suas cúpulas, persistentes na aliança com o Partido Socialista e na rejeição da Frente Eleitoral proposta pelo CDS.

Depois da histeria anti-PS, o dr. Sá Carneiro parece virado para a esquerda escorrendo suor nos seus ataques ao general Eanes que corajosamente explicou que se as coisas não se modificarem intervirá politicamente em benefício do País, pois os partidos revelam-se inválidos para se acordarem entre si, em compreender a necessidade de estabelecerem uma crítica rigorosa e patriótica em relação aos problemas nacionais, contribuindo para possíveis alternativas democráticas de modo a impedirem o regresso a um totalitarismo seja militar ou civil.

Dá que o dr. Mário Soares levante de novo o espectro da direita quando na realidade são os partidos que têm aumentado o saudosismo.

O Manifesto Reformador talhou superficialmente o coágulo existente no caminho da Democracia. É necessário que esse coágulo comece a pingar e que vá desaparecendo através de reformas pacíficas, renovando a sociedade e permitindo a participação dos cidadãos nos debates e discussões dos problemas nacionais. Eis porque o CDS não regeitou os reformadores da sua Frente Eleitoral, pondo de lado os marxistas do PS que estão muito bem ao lado do PC, já que têm sido eles os grandes criadores da maioria de esquerda na Assembleia da República.

O dr. Sá Carneiro é muito sensível ao socialismo doméstico do dr. Mário Soares e antevê a hipótese de ganhar as eleições e poder contar com o apoio da Internacional Socialista, como necessidade de coexistir como Partido Social Democrata, contudo acho demasiado optimismo nas hostes sá-carneiristas sabendo da amizade e influência alcançadas pelo dr. Soares no meio dos seus camaradas socialistas.

Há que compreender que as teses do socialismo vão desaparecendo do quotidiano ocidental porque o fantasma da direita deixou de existir pelos tempos. Só as sociedades de formação política rudimentar, as de nível baixo, dando mimo ao analfabetismo, seguem ainda o trilho do centralismo-burocrático e mantêm a ideia do Estado-patrão.

No fundo são os partidos que contam as próprias pontes democráticas por onde deviam passar. Não me admira que amanhã nadem nos mares da clandestinidade.

BLÉ DO MONTE

Rocha & Matias, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ
SEGUNDO CARTÓRIO

Notário: Licenciada
Maria Odília Simão Cavaco
e Duarte Chagas

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que no dia dois de Maio corrente, de folhas 54, v. a folhas 57, do Livro n.º A-58 de Notas para Escrituras Diversas do Cartório acima indicado, foi constituída entre Amadeu Gil da Rocha e José Soares Matias, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada nos termos constantes dos artigos seguintes:

Artigo Primeiro — A Sociedade adopta a firma de «Rocha & Matias, Limitada», e vai ter a sua sede e principal estabelecimento no centro comercial Aparthotel Quarteira-sol, em Quarteira Norte, no rés-do-chão sem número de polícia, na freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, podendo estabelecer as delegações e sucursais que entender, e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

Artigo Segundo — A Sociedade tem por objecto o comércio de produtos alimentares, bijouteria, confecções, revistas, artigos de praia e campismo, artigos fotográficos, em estabelecimentos de tipo mini-mercado ou outros, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e seja legal.

Artigo Terceiro — O capital social realizado em cinquenta por cento é de trezentos mil escudos e entrado na Caixa Social, dividido em duas quotas iguais de cento e cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

Artigo Quarto — Poderão ser feitas prestações suplementares de capital, mediante deliberação da Assembleia Geral, podendo ainda qualquer sócio fazer à Caixa Social os supramentos de que ela carecer, nas condições a acordar em Assembleia Geral.

Artigo Quinto — 1. A transmissão de quotas a título gratuito ou oneroso, é livre entre os sócios ou entre estes e a Sociedade, no todo ou em parte.

2. — A transmissão de quotas, inter-vivos, a título gratuito ou oneroso, total ou parcial, a estranhos, depende do consentimento prévio da Sociedade, a qual em primeiro lugar e aos sócios em segundo e por ordem decrescente das suas quotas fica reservado o direito de preferência, nas transmissões por título oneroso; abrindo-se licitação entre os preferentes se as suas quotas forem iguais.

3. — O sócio que desejar transmitir a estranhos a sua quota, no todo ou em parte, assim o comunicará à sociedade e a cada um dos restantes sócios, por carta registada, com aviso de recepção, indicando a pessoa ou pessoas a qual pretende fazer a transmissão, preço e cláusulas do respectivo contrato.

4. — A declaração de opção ou a autorização para transmitir a quota terá de ser feita por carta registada com aviso de recepção no prazo de trinta dias, a contar da recepção da carta referida no número três.

Artigo Sexto — 1. — A gerência será exercida por todos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral.

Para a gerência pode ser designada qualquer outra pessoa com o acordo da Assembleia Geral.

2. — A Sociedade obriga-se com a assinatura de dois sócios gerentes ou seus procuradores, salvo quanto aos actos de mero expediente em relação aos quais basta a assinatura de qualquer gerente.

3. — Os gerentes não poderão assinar letras de favor, fianças ou abonações ou por qualquer outra forma obrigar a sociedade em interesses alheios aos negócios sociais.

4. — É vedado aos sócios exercer qualquer actividade igual ou semelhante à da Sociedade, sem autorização desta.

Artigo Sétimo — As assembleias gerais ordinárias reunir-se-ão uma vez por ano, dentro do prazo legal, para aprovação do balanço e contas, e deverão ser convocadas por carta registada com aviso de recepção, com pelo menos quinze dias de antecedência. As extraordinárias reunir-se-ão sempre que qualquer dos sócios assim o entenda devendo ser convocadas pela mesma forma; sempre que a lei não exija outras formalidades.

Artigo Oitavo — A Sociedade não se dissolve pelo falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, continuando com os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito. Sendo vários os herdeiros deverão nomear um de entre eles que a todos represente na sociedade. Enquanto o não fizerem será o mais velho que terá legitimidade para tal.

Artigo Nono — A Sociedade poderá amortizar qualquer quota nos casos seguintes:

1. — Insolvência ou falência

cia do sócio titular;

2. — Arresto, arrolamento, penhora ou apreensão por qualquer forma da quota em processo judicial, fiscal ou administrativo;

3. — Venda ou adjudicação judicial;

4. — Cessação da relação de trabalho sempre que o sócio preste serviço na sociedade, salvo se a cessação resultar de motivos de saúde ou outros de força maior;

5. — Violação do disposto nos presentes estatutos ou na lei, relativamente à cessão de quotas a terceiros ou por comportamento irregular susceptível de atingir os interesses da sociedade.

6. — Por acordo com o seu titular.

7. — O valor da amortização será o que resultar do último balanço, aprovado acrescido do fundo ou fundos de reserva. O valor da amortização ou preço a pagar no caso de utilização do direito de opção, quer por parte da sociedade, quer por parte dos sócios, poderá ser pago em quatro prestações trimestrais de igual montante, vencendo-se a primeira no trigésimo dia a contar da data da comunicação da deliberação respectiva. As três últimas prestações vencerão juro à taxa máxima permitida pela lei civil. Considera-se realizada a amortização com o pagamento ou depósito na Caixa Geral de Depósitos da primeira prestação.

Está conforme ao original.
Secretaria Notarial de Loulé, 5 de Maio de 1979.

O terceiro ajudante,
Maria de Fátima Guerreiro
Rodrigues

LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,
n.º 31 — Tel. 62406
LOULÉ

(10-8)

ILHA CONGELADORA

Vende-se uma «ilha congeladora», marca «Carma», com 2x1 m. Em estado nova.

Ver na Motolux — LOULÉ.

TERRENOS

ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA —

R. SERPA PINTO, 1 A 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

A. I. A. — Agência Imobiliária do Algarve, Lda.

ALUGUER, VENDAS E ADMINISTRAÇÃO
COMPRA — VENDE — ALUGA:

APARTAMENTOS, MORADIAS, TERRENOS
BILHETES DAS EMPRESAS:
MUNDIAL TURISMO E RODOVIÁRIA NACIONAL

★

Telef. 65763 — Rua Diogo Cão, 12 (junto ao Turismo)
QUARTEIRA — ALGARVE

O que é a extensão rural?

(continuação da pág. 1)

mente, têm sido atiradas a maior parte das nossas aldeias, estranhando que a Assembleia Municipal não tivesse apoiado a proposta que fizemos no sentido de dois técnicos extensionistas — um agrícola, outro social — seguirem integrados no conjunto daquela autarquia, de forma a efectuarem breves palestras, intercaladas por debate público, isto antes do início das sessões extraordinárias marcadas para as 7 freguesias rurais de Loulé.

Os nossos autarcas — uns por desconhecimento total do extensionismo outros porque querem utilizar todo o tempo disponível para «as grandes arengas» que alguns levam nas «mangas» — com uma ligeira «notável» recusaram a proposta, alegando «que isso poderia provocar confusão», quando a verdadeira confusão procede do «consta», do «ouvi dizer», ou seja um desqualificado regateiro que só conduz à perda de tempo inútil. Mas enfim, «temos que nos governar com aquilo que temos», proclamou há tempos o Dr. Mário Soares.

O que nos pareceu de lastimar, foi a atitude de alguns presidentes das Juntas interessadas, se deixaram ir na manada de uma decisão que privou os habitantes dessas freguesias de ouvirem algo de interessante, pelo seu conteúdo inovador e proveitoso e, portanto, de futuro promissor. Tudo o que se dissesse a mais era aderir à demagogia reinante. Por alguma coisa é que somos o País mais atrasado da Europa Ocidental.

JOSÉ FERREIRA TORRES

Vale a pena ler e meditar no que escreveu o Eng.º Dúlio Marques:

Segundo o cardeal Danielou «o Cristianismo é essencialmente uma forma de vida e não fundamentalmente uma filosofia». Atrevo-me a glosar a afirmação dizendo que a extensão não é uma filosofia, ainda que tenha a sua filosofia, mas que é antes alguma coisa virada para a vida, interessando-se por tudo que respeita ao progresso das populações.

Aqui está um espectro muito largo que em primeira apreciação não é atingido pela maioria das pessoas, especialmente por aquelas menos familiarizadas com estas coisas das relações entre rurais e com os serviços próprios que os apoiam.

Para a maioria dos homens, ligados ou não à terra, mas habituados, desde sempre, a ouvir falar de assistência técnica, o carácter da extensão não está suficientemente claro; confunde-se uma coisa com a outra, embora sejam nitidamente diferentes, na finalidade e na metodologia.

No meio rural, não apenas os problemas agrícolas, mas todos, interessam à extensão, porque interessam aos rurais.

É que se não trata apenas de dar conselhos, sempre com vista à produção (como o faz a assis-

tência técnica), antes de valorizar o homem e de o ajudar a realizar-se, qualquer que ele seja e o que faça.

Com inteira liberdade (não se leia libertinagem), as populações escolherão os seus caminhos e pautarão a sua vida.

Os agentes de extensão, enquanto conhecedores dos meios e das gentes, terão, naturalmente, as suas ideias, para melhorar o que existe; mas, estando apenas ao serviço das populações e não ao seu próprio serviço, aceitam, os interesses que essas populações tenham e manifestem e estão prontos, democraticamente, a trabalhar em projectos inteiramente diversos daqueles que, porventura, hajam pensado.

Dáqui se vê o senso e espírito de Serviço que devem ter os agentes de extensão, para além do conhecimento da metodologia dos contactos e do domínio dos problemas técnicos. Serão homens humildes que se desviam para o auxílio dos outros; que se apagam para que as populações cresçam e participem no seu próprio desenvolvimento. Elementos que não trabalham individualmente, mas integrados em equipas de acção, apoiadas por especialistas dos mais diversos ramos.

Mas a população é que sabe do que precisa; ela resolverá o que há a fazer e por onde começar.

E se os seus representantes pensam, para além dos problemas a resolver a longo prazo, como habitação, produção, escoamento, ensino, assistência médica e hospitalar, comunicações, etc., que o mais importante é ter «luz no cemitério» — e este foi um caso concreto — será este o problema a resolver em primeiro lugar.

O que importa é que surja um motivo de acção, à volta do qual todos se reúnam, uma ideia base, um centro de interesse que os ponha a trabalhar vivamente.

Depois, virão ao de cima outros interesses e outros problemas que vai ser preciso resolver. O fundamental é que se queira progredir; que se enunciem os problemas e se lhes dê uma ordem de prioridade para resolução. E ou que se constituam grupos, cada um dos quais abordará um tipo de acção. Todos os problemas interessam, repito, agrícolas o não.

O agente de extensão não é o que dá soluções ou indica as actividades a desenvolver, antes o que procurando mentalizar, ajuda, sugerindo formas de resolução de cada problema, caminhos a percorrer, entidades a contactar, atitudes a tomar.

Mas sugere e não impõe.

Seria mais fácil, a curto prazo, ir ele, resolver, realizar; tratar aqui e ali, conseguir os dinheiros, indicar as soluções, fazer.

Mas era, certamente, menos formativo; as pessoas deixariam de contribuir com o seu esforço, não ganhariam experiência para casos futuros e... a obra deixava de ser deles para ser dos Serviços de Extensão. Estava profundamente errado.

Os Agentes de Extensão não passam de «acidentes» necessá-

rios. Estão, mas não comandam; apoiam apenas, ajudam, empurram.

Recordo-me que, para instalar, anos passados, um curso para filhas de agricultores em determinada localidade rural, os Serviços (que desejavam ser de Extensão) não aplicando ainda, bem claramente, os conceitos que a Extensão fixa procuraram levar as populações a aceitar a ideia. E então, à tradicional forma de assistência técnica, esforçaram-se para criarem, eles próprios, as condições necessárias. Queriam alugar uma casa, trazer as mobílias, o fogão e a máquina de costura, comprar os géneros, o gaz, tudo. Por fim, facultavam o ensino, o que estava certo.

Quando eu disse a uma Agente Rural que o caminho ia ser outro, que a população haveria de ser despertada para depois manifestar, em actos, o seu interesse pelo curso, conseguindo a casa, os móveis, o trem de cozinha, o fogão, a máquina de costura, etc., ela não me chamou maluco porque, então, não era possível, sem mais consequências.

Mas logo me afirmou que eu iria matar os cursos.

Esse curso de Economia Doméstica para raparigas, arrancou mesmo, pouco depois, com grande participação das populações.

Houve que preparar os espíritos, fazendo compreender às pessoas que a obra era delas para eles. Então, arranjaram mesas e cadeiras; pediram emprestadas as panelas e o fogão; foram a uma casa que vendia máquinas de costura e propuseram ensinar o seu uso se lhe prestassem uma; trouxeram o arroz, a massa, as hortaliças, o azeite, o vinagre, e o óleo, as batatas, a carne, o peixe, o chouriço, etc.; cotizaram-se para o gaz e compraram um quadro preto.

O curso era deles e foi um sucesso. E cada vez, mau grado o esforço a fazer, ou por isso mesmo, havia mais freguesias interessadas em cursos.

Recordo que alguém me disse que outra marca de máquinas de costura, pretendia emprestar também máquinas para o curso, em vista do reclame que isso representava.

Claro que este movimento, como outros que poderia referir, não surgiu espontaneamente. Foi necessário um trabalho lento, constante, persistente na preparação.

Nuns ambientes a coisa demora mais do que noutros; mas se houver bom senso e boa presença, interesse, persistência, acaba por resultar.

Habitadas as pessoas a trabalhar para si, em equipa, vêm vindo ao de cima as preocupações da maioria. E chega-se àquelas que podem ter uma importância mais vinculada na evolução dos ambientes.

A estrada que é necessário arranjar, ou mesmo construir, é outro caso corrente, na medida em que nos meios rurais, são normalmente escassas as vias de comunicação.

Poderia citar vários casos em que o despertar das populações, feito através de qualquer realização útil por elas desejada, dá como resultado uma abertura para outros ângulos. E não vem a estrada, a melhoria da técnica agrícola, até a ideia de uma cooperativa de produção.

Recordo por exemplo que em determinada obra de Hidráulica Agrícola, os caminhos estavam bastante maus e, em certa zona, quase intransitáveis.

Ao ser elaborado o projecto da obra, a beneficiação dos caminhos, como era norma, má norma, diga-se, não foi incluída. E como a drenagem se mostrava deficiente, os problemas iam-se agravando.

Os beneficiários (?) directamente interessados vieram pedir-me, como presidente da Associação de Regentes, que mandasse arranjar os caminhos. A Associação, de exíguo orçamento, não tinha meios para obras de tão elevado custo.

LIVROS NOVOS

O REUMATISMO

OS MAIS BELOS CONTOS DE PERRAULT

Considerado erradamente como uma doença da velhice, o reumatismo, tem sido ultimamente objecto de aturado estudo, por parte dos profissionais de saúde.

Inúmeros centros de reumatologia têm sido criados por todo o mundo, tendo em vista acolher, tratar e consciencializar o doente, de que a sua doença deve ser tratada clinicamente e não com «remédios da avó», como tem sido, durante gerações.

Levada às suas formas extremas, como o reumatismo infeccioso com lesão cardíaca, esta doença toma aspectos de prognóstico sombrio.

Esta obra de vulgarização pretende expor em linguagem clara, mas de forma profunda, o que é o reumatismo, como combatê-lo e quais os sinais de alarme a não menosprezar.

Editor: Francisco Lyon de Castro.

Publicações Europa-América.

FALECIMENTO

No Hospital de Faro, faleceu no passado dia 7 de Maio o sr. José Mateus Jerónimo, proprietário, natural de Vale Covo (Bolgueime), que contava 73 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria José da Cruz, residente em Faro.

O saudoso extinto era pai da sr.ª D. Ilídia Honorato Tomé Jerónimo dos Santos Sério, casada com o sr. Carlos Alberto dos Santos Sério e era avô do menino José Eduardo e das meninas Rita Lúcia e Joana Rosa.

A família enlutada endereçamos sentidas condolências.

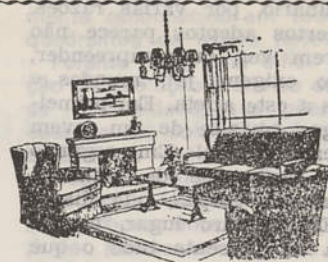
VIGILANTE

Autor: Charles Perrault.
Edição de Europa-América.

Do sexo masculino, precisa-se para o Centro Comercial da Marina.

Resposta, por escrito, com indicação de experiência profissional e habilitações, para o Centro Comercial da Marina de Vilamoura.

Casa Simão



A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA.

34, Avenida Marçal Pacheco, 35 a 51

Praça da República, 8 — Telefone 62110 PPC

LOULÉ

Mobílias completas em todos os estilos e móveis avulso

Candeeiros — Decorações — Estofos — Colchoaria

SIEMENS

SURDOS

UM SIMBOLO DE QUALIDADE DE FAMA MUNDIAL

MOURATO REIS

Especializado em Acústica Médica na Alemanha

ATENÇÃO ALGARVE

CONSULTAS dia 23 de MAIO nas seguintes cidades, onde o especialista da nossa Casa faz a aplicação de prótese auditiva:

Em PORTIMÃO — na Farmácia Carvalho às 9 horas.

Em LOULÉ — na Farmácia Pinto às 11 horas.

Em OLHÃO — na Farmácia Rocha às 15 h.

Em FARO — na Farmácia Almeida das 17 até às 19 h.

LARINGES ELECTRÓNICAS.

Escrit. e Laboratórios em Lisboa: Rua da Escola Politécnica (entrada pela Calç. Eng. Miguel Pais, 56-1.º)



Ouvido Secreto

Nadadores - Salvadores

Precisam-se

Para prestarem serviço nas praias de VILAMOURA, durante a próxima época balnear (Junho/Setembro).

Exige-se boa apresentação e idade entre 25 e 45 anos. Conhecimento de Inglês e Francês, como condição de preferência. Vencimento compatível.

Resposta p/ LUSOTUR — Vilamoura.

V Volta ao Algarve em Bicicleta

(Conclusão do n.º anterior)

Pois, vinha isto tudo assim, o fugitivo Joaquim Cunha, quase à cunha de ser absorvido, aquilo partiu tudo e todos, quando tocaram os trezentos metros finais, mas era tarde. Por cinco segundos, o homem da Coelima acabaria mesmo por se sagrar o rei da Fóia, de 1979, e Fernando Mendes, chegado na quarta posição, arrebataria o ceprto amarelo ao portista António Fernandes, que chegou muito mal classificado. A vantagem do novo leader, sobre o seu mais directo perseguidor, Firmino Bernardino, passou a ser, pouco mais, que magra — um segundo —, o que maior interesse deu à prova, pela incerteza em que continuava pendente o seu desfecho.

Mas, ainda sobre o alto da Fóia, realcemos a excelente prova de José Madeira, como que a dizer que há que contar com ele, e provou isso mesmo, num sítio onde, há dois anos atrás, precisamente, o vimos socobrar de forma abismal. Magnífico comportamento também de Manuel Gonçalves, e Carlos Vitorino. O primeiro, a confirmar o bom momento de forma que atravessa. O segundo a superar-se de dia para dia.

Para Luís Vargues, a corrida ia acabando a trezentos metros da meta. Vimo-lo parar autenticamente, renunciar, completamente esgotado pelo esforço gigantesco, cair num daqueles vácuos de força, que por vezes atingem os ciclistas, e em que não resta nem vontade de respirar. Combativo, porém, começou a pedalar, e fez ainda um extraordinário 16.º lugar. Extraordinário, por várias razões, que certos adeptos parece não quererem ver, ou compreender, quando exigem, já!, mundos e fundos a este atleta. Em primeiro lugar trata-se de um jovem de dezoito anos! Em segundo lugar, tratava-se da primeira corrida por etapas, que disputou. Em terceiro lugar, porque estava ali presente tudo o que de melhor, existe na «nata» do ciclismo nacional. Chegar lá acima na posição em que o fez, e sobretudo, na forma como o fez, é para o «Luizinho» (como os louletanos, carinhosamente, lhe chamam), uma grande vitória!

Ficou, deste modo, tudo guardado para decidir no contra-relógio final, entre Loulé e Picoa, nove quilómetros, acabando numa rampa terrível de dois mil metros, até ao qual, a etapa da manhã, entre Silvas e Almôndovar foi um mero expediente para abrir o apetite.

É indescritível, o que se viveu de apoteose, naquele dia feriado, 1 de Maio. Milhares e milhares de pessoas, logo cedo na tarde, começaram a afluir como abelhas, para ambos os lados da estrada, de tal forma, que por entre famílias inteiras em piqueniques, e automóveis e motorizadas, a Organização teve dificuldades imensas em arrumar o espaço, por forma a não comprometer a corrida.

Mas, para nós, que fomos responsáveis directos pela escolha daquele local, para término da V Volta ao Algarve em Bicicleta, não podemos esconder a imensa alegria que nos causou no íntimo ver, a consagração do ciclismo, o feliz desfecho de uma prova com responsabilidades, mas sobretudo, o que isso significou de aproximação do público para com uma modalidade, de que parecia arredado de há alguns anos a esta parte.

Está de parabéns a Associação de Ciclismo de Faro, pela Organização quase perfeita (não coisas perfeitas) que levou a cabo. Estão de parabéns os sacrificados elementos que duran-

te muitos dias sacrificaram tudo em prol do ciclismo. E estão todos de parabéns, desde os adeptos aos ciclistas, acompanhantes, juizes e cronometristas, órgãos da Comunicação Social, PSP, GNR, operadores de rádio, todos quantos de uma forma ou de outra, contribuíram para o êxito desta iniciativa.

No cimo da Picota, o grande vencedor foi Firmino Bernardino, do Lousa/Trinaranjus, que realmente, mostrou estar em grande forma. Joaquim Andrade, do Sangalhos/Orbita e Adelino Teixeira, do Porto, completam muito bem o trio dos primeiros. Dos algarvios, saliente-se o excelente sétimo lugar de José Madeira, um homem regularíssimo, que está sempre lá, quando é preciso estar. Espectacular, o 12.º lugar de Luís Vargues, apontado desde já como uma esperança do ciclismo português. Mas atenção! Que o êxito lhe não suba à cabeça, nem o vedetismo seja fruto dos elogios agora recebidos. Muitas promessas acabaram assim, não passando nunca de promessas, por mor de lhes faltar a tal humildade, que é característica dos verdadeiros campeões.

Manuel Gonçalves e Carlos Vitorino terminaram bem. De António Brás pôderia esperar-se algo mais. Manuel Correia andou sempre adoeitado, e fez a Volta nitidamente inferiorizado. Carlos Raimundo andou dentro da sua bitola, e João Lázaro, foi diversas vezes infeliz. Dos três homens do Louletano, nenhum chegou ao fim. Mostraram-se mal preparados, mas saudase sobretudo o regresso a estas competições de um clube com grandes tradições na modalidade. Operários de Tavira, Almôndovar e Boavista, quedaram-se sempre em posições modestas, sem qualquer realce, que não isso mesmo.

Terminou assim, da melhor maneira, a quinta edição da Volta ao Algarve em Bicicleta. Como dissemos, no início destas linhas, tratou-se de uma cabal demonstração de como se pode animar o Algarve. O que se torna necessário, é que todas as entidades que superintendem no desporto, no turismo, nas Câmaras, apoiem e incentivem esta realização, de molde a tirar-lhe o proveito total em prol da província.

Isto sem esquecermos o contributo indispensável das empresas e interesses privados, que desempenham no patrocínio da Volta um papel destacado. Acabou a 5.ª edição da Volta ao Algarve. E sabemos que já se está a trabalhar na 6.ª Volta ao Algarve. E isto é salutar. E é de apoiar!

CLASSIFICAÇÃO GERAL

INDIVIDUAL

1.º — Firmino Bernardino (Lousa/Trinaranjus), 16 h. 38 m. 50 s.; 2.º — Joaquim Andrade (Sangalhos/Orbita), 16 h. 39 m. 12 s.; 3.º — Adelino Teixeira (Porto/U.B.P.), 16 h. 39 m. 18 s.; 4.º — Luís Teixeira (Coelima), 16 h. 39 m. 25 s.; 5.º — Marco Chagas (Lousa/Trinaranjus), 16 h. 39 m. 35 s.; 6.º — Alexandre Ruas (Coelima), 16 h. 39 m. 54 s.; 7.º — Fernando Mendes (Zala Fundador), 16 h. 39 m. 54 s.; 8.º — José Madeira (Campinense/Carasona), 16 h. 40 m. 00 s.; 12.º — Luís Vargues (idem), 16 h. 40 m. 19 s.; 14.º — Manuel Gonçalves (idem), 16 h. 40 m. 38 s.; 16.º — Carlos Vitorino (idem), 16 h. 41 m. 24 s.; 23.º — António Brás (idem), 16 h. 42 m. 10 s.; 41.º — Manuel Correia (idem), 16 h. 47 m. 16 s.; 51.º — Carlos Raimundo (idem), 16 h. 57 m. 35 s.; 53.º — João Lázaro (idem), 17 h. 44 s.; 55.º — António Guerreiro (Almôndovar), 17 h. 17 m. 8 s.

CLASSIFICAÇÃO GERAL POR EQUIPAS

1.ª — Lousa/Trinaranjus, 49 h. 58 m. 29 s.; 2.ª — Coelima, 49 h. 59 m. 31 s.; 3.ª — Porto/U. B. P., 50 h. 31 s.; 4.ª — Sangalhos/Orbita, 50 h. 32 s.; 5.ª — Campinense/Carasona, 50 h. 36 s.; 6.ª — Bombarralense, 50 h. 2 m. 38 s.; 7.ª — Zala Fundador, 50 h. 6 m. 12 s.; 9.ª — Operários de Tavira, 50 h. 46 m. 14 s.

CLASSIFICAÇÃO GERAL POR PONTOS

1.º — Alexandre Ruas (Coelima), 43 pontos; 2.º — Carlos Santos (Lousa/Trinaranjus), 33; 3.º — Firmino Bernardino (Lousa/Trinaranjus), 25 pontos.

CLASSIFICAÇÃO GERAL DO PRÉMIO DA MONTANHA

1.º — Firmino Bernardino (Lousa/Trinaranjus), 30 pontos; 2.º — Joaquim Cunha (Coelima), 15 p.; 3.º — Fernando Mendes (Zala Fundador), 14 p.

CLASSIFICAÇÃO GERAL DA META TURISMO

1.º — Alexandre Ruas (Coelima), 10 pontos; 2.º — Carlos Santos (Lousa/Trinaranjus), 9 p.; 3.º — Joaquim Cunha (Coelima), 5 p.

JOSE MANUEL MENDES

Poço Novo — Loulé



MARIA DA CONCEIÇÃO MADEIRA

AGRADECIMENTO

Sua família desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que de qualquer forma compartilharão da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que acompanharam à sua última monada a sua saudosa extinta.

Trespasa-se

Restaurante em plena Lisboa, bem localizado. Motivo à vista.

Resposta ao jornal ao n.º 51.

VENDE-SE

Máquina de filmar «Cannon Lx 514 S» com todos os aparelhos, em estado nova e uma roulotte tipo inglesa para 4 pessoas com fogão, frigorífico e WC. Verno Largo do Chaariz — Campina de Cima, 31-3.º Dto. — Loulé.

(2-1)

COZINHEIRO/A

Precisa-se, para grill-restaurante, para trabalhar em Quarteira. Bom ordenado.

Tratar na Avenida Infante de Sagres, 89 — Quarteira.

MANUTENÇÃO DE INSTALAÇÕES DE GÁS

A Mobil Oil Portuguesa levou a efeito na passada quarta-feira, dia 9 do corrente, no Hotel D. Pedro, em Vilamoura, um curso de manutenção e assistência a instalações de gás colectivas, destinado aos responsáveis pela manutenção das mesmas.

Participaram neste curso cerca de trinta elementos em representação das seguintes firmas:

Guadiana — Companhia Imobiliária, Lda. — Monte Gordo; Planal — Quinta do Lago — Al. mencil; Lusotor — Soc. Financieira de Turismo, SARL — Vilamoura; Sointal — Vilamoura; Pinhal da Marina — Vilamoura; Pinhal da Praia — Vilamoura; Aldeia do Golf — Vilamoura; Aldeia do Mar — Vilamoura; Terraços do Mar — Vilamoura; Almirur Vilanova — Areias de S. João; Club Praia da Oura — Albufeira; Interjumbreira — Praia da Oura; Claus Hollmann & Cia — Praia da Falésia; Parque Mourabel — Vilamoura; Admitur — Cerro da Piedade; Touring Club de Portugal — Aldeia das Açoteias; Soc. Construções Mira Praia, Lda. — Quarteira.

O curso foi monitorado por Porfirio Marques, Chefe de Vendas Industriais de Gás Mobil, F. Fontinhas, Técnico de Estudos e Ensaaios, e J. Dantas, Delegado Técnico de Vendas, tendo sido estruturado numa parte teórica, respeitante a gases do petróleo liquefeitos e segurança

nas instalações, e numa parte prática onde se procedeu à montagem, desmontagem e afinação de fogões e esquentadores.

A Mobil Oil Portuguesa espera ter contribuído através deste curso para a melhoria de formação profissional dos responsáveis de manutenção daquelas instalações turísticas e, simultaneamente, para a prestação de um melhor serviço na resposta às necessidades e ao desenvolvimento da região algarvia.

Vendem-se canas

De 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidade. Grandes e pequenas quantidades a bom preço.

Tratar com Joaquim da Silva Teresa Olivall — Ponte da Tór — LOULÉ.

(2-1)

LUSOVEMA

Grupos electro-bombas de alta e média pressão e submersas.

Material eléctrico.

Av. Marçal Pacheco — Telf. 62233 — LOULÉ.

(5-4)

Armazém/Stand

PRECISA-SE EM LOULÉ

Indicar área e renda mensal

RESPOSTAS À:

AV. MARQUÊS DE TOMAR, N.º 102 - 2.º ESQ.º

1000 LISBOA

GABINETE TÉCNICO DE ENGENHARIA

CONSTRUÇÃO CIVIL

PLANTAS — PROJECTOS — CÁLCULOS — ESTUDOS

Rua da Matriz, 11

LOULÉ

(10-1)

Telf. 95153

Vila Nova de Cacela

VENDEDOR

PRECISA-SE

Firma especializada no comércio de máquinas, ferramentas e acessórios para a indústria, admite para trabalhar no Sotavento, com ou sem prática com carta de condução.

Se pretende candidatar-se envie carta manuscrita, prestando todas as informações que julgue úteis para apreciação.

Resposta a este jornal ao n.º 52.

REFORMA AGRÁRIA É TEMA CONTROVERSO (V)

Respondendo ao Dr. Dias Costa

(Conclusão)

Então o sr. Dr. ainda não entendeu (nem sequer é necessário ser-se inteligente para se entender isto) que o P.C.P. não está interessado em qualquer espécie de «Reforma Agrária», pois isso é apenas um pretexto para a ocupação territorial do nosso Alentejo, que depois, se estenderia ao resto do País? Ou será que o sr. Dr. deseja ver banida a G.N.R. do Alentejo para a ver substituída por agentes do K.G.B.?

Sr. Dr.: quer lhe chamem Reforma Agrária, ocupações, nacionalizações ou auto-gestão, etc., um roubo é sempre um roubo e quem rouba é ladrão, mesmo que o pintem de qualquer cor.

Já que o sr. Dr. está assim tão interessado em defender a «Agrária» alentejana (porque será?) aconselho-lo a dar uma voltinha até Angola para conhecer a fome provocada pela Agrária angolana.

Gozava as «delícias» dum «paraíso» soviético e lá veria (se não o prendessem) com os seus próprios olhos o que é a «democracia» imposta pela Rússia aos seus lacaios.

Será que o sr. Dr. se inclui no número daqueles portugueses que também são capazes de ultrajar a nossa gloriosa bandeira das 5 quinas e pisá-la para, em nome de um quimérico socialismo, erguer bem alto nos castelos e edifícios públicos de Portugal, a bandeira da foice e do martelo — manchada pelo sangue de milhões de vítimas inocentes?

Porventura sabe V. Ex.^a (ou será que ficou contente quando soube disso?) que a bandeira da foice e do martelo chegou a ser içada na Câmara de Setúbal e no Castelo de Serpa?

O sr. Dr., que vive a Oeste do «Paraíso» sabe, por acaso, que suplicios são impostos, em Moçambique, a quantos se atrevem a discordar do camarada Samora?

Sabe que o grande, terrível, mortífero e mais revoltante martírio de quantos caem nas masmorras da Frelimo é o não saberem a razão porque foram presos e nem quanto tempo estão destinados a ser tratados como animais? Na opinião dos ex-presos há pouco chegados de lá, essa situação ainda é pior do que a fome que passam, a sede que têm

de suportar, e os maus tratos de que são vítimas.

O sr. Dr. deve sofrer de amnésia mas lembra-se, concerteza, do Tarrafal. Pois fique sabendo que no Tarrafal de Moçambique (chamado Machava) os carrascos que lá pululam são tão ferozes que os homens da ex-Pide nem serviam para aprendizes de feiticeiro.

*

Como o sr. Dr. deve sofrer de amnésia, talvez já não se lembre de que, mal soou o alarme de que vinha aí a «Agrária» os comunas trataram logo de ocupar 2 das melhores propriedades do Algarve, (em Paderne e Lagoa) não para tratar ainda melhor (o que seria extremamente difícil) mas para as destruir.

Apesar de ser advogado, naturalmente que o Dr. Dias Costa discorda desta verdade, inofensível, possivelmente pela simples razão de que os comunas não assaltaram nem ocuparam as suas propriedades.

Porque senão...

Se bem compreendemos, (e segundo a ideia revolucionária do Dr. Dias Costa) teremos que passar a chamar ladrões àqueles indivíduos que, a coberto da noite, «assaltaram» as propriedades para roubar o gado que legitimamente lhes pertencia porque... o compraram e o alimentaram até 1974/75...

Então o sr. Dr. não está mesmo a ver? Então o sr. Dr. não compreendeu ainda que entregar o nosso Alentejo ao P.C.P. equivalia a escancarar as portas para um novo, cruel e sanguinário Goulag?

V. Ex.^a que, concerteza, já de há muito que fixou o nome do campo de extermínio Auschwitz, também já deve ter ouvido falar do célebre Arquipélago de Goulag — porque ambos são símbolos da selvática brutalidade dos homens e vergonhas da Humanidade.

E V. Ex.^a, que se intitulou defensor do Povo Português, acha que o defende defendendo a tomada do Alentejo pelo P.C.P.?

V. Ex.^a já pensou que isso significaria a prisão de milhares de portugueses (de entre os quais V. Ex.^a poderia ser incluído por engano) do tal Povo que diz defender? E V. Ex.^a acha que é pren-

dendo o Povo que se liberta um Povo, como se apregoa?

Será que, V. Ex.^a também alinha nessa louca teoria de que, para um País ser «livre e independente» deve estar subjugado ao totalitarismo da União Soviética?

Então o sr. Dr. ainda não entendeu (ou não quer entender?) que apoiar a «Agrária» é desejar o regresso ao 24 de Abril, o que significaria a aceitação de uma nova e odienta ditadura que V. Ex.^a combateu (?). Ou afinal V. Ex.^a é pela Ditadura desde que sirva os seus interesses?

Afinal de contas V. Ex.^a quer ou não uma Ditadura?

Diga-o claramente para os algarvios saberem quem são afinal os verdadeiros amigos de Portugal.

E se V. Ex.^a coloca os interesses da URSS acima dos interesses do seu e nosso país, não se esqueça que Portugal é e será dos portugueses. Nunca será dos russos, cubanos, checos & c.^a limitada.

*

Sr. Dr. Dias Costa, a razão fundamental porque provocámos esta polémica foi devido ao facto de, apesar de tudo, ainda sentirmos orgulho da nossa qualidade de portugueses.

E V. Ex.^a já prefere mudar de nacionalidade? Porquê?

*

Então V. Ex.^a ainda não percebeu que, onde chega o comunismo, aqueles que o não aceitam têm que fugir como pássaros?

É isso que deseja acontecer aos portugueses?

Parece-nos que já vão sendo horas de podermos proclamar bem alto, para todo o Mundo ouvir: o Povo unido jamais será vencido... pelos lacaios do imperialismo soviético.

Caro dr. Dias Costa: agora que somos livres (V. Ex.^a e nós) é que temos de arriscar a nossa liberdade para continuarmos livres. Depois... será demasiado tarde!

JOSÉ MARIA BARROS

CÂNDIDO DOS REIS
SIMÃO
MISSA

2 ANOS DE SAUDADE

Sua família participa a todas as pessoas amigas e de suas relações que, sufragando a alma do saudoso extinto, será rezada missa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no próximo dia 4 de Junho pelas 19 horas, agradecendo antecipadamente a todas as pessoas que se dignem participar neste piedoso acto.

Ignorância do povo Português é um espanto!...

Espanto e desencanto da juventude, atolada na bagunça da cultura

Espanta e desencanta ao observar como um Povo se comporta e alheia, não só na defesa dos seus interesses, valores e virtudes, que uma falsa cultura traiu e trai, como dos valores históricos tradicionais, assinalados e demarcados pela sua impar epopeia épica, desde o seu grito original, que marca a sua Liberdade pela Independência Nacional, até à gloriosa e harmoniosa Revolução do 25 de Abril de 1974.

Só foi possível chegar a sociedade portuguesa a tal estado de degradação, frustração, apatia abúlica, marasmo, morfia, inacção e perplexidade de confusão, tipo ignorância doentia, pelo contágio e dessiminação vinulenta, que falsas, demagógicas e anárquicas propagandas culturais viciadas, dominadas, dirigidas e orientadas, para a subversão de valores e virtudes características da nossa Civilização, por elementos insólitos e apátridos fixados aos interesses confessos pessoais, exteriores e estranhos à defesa da Liberdade e Independência Nacional, actual e novamente sob fortes pressões e ameaças.

Está a Comunidade, num período decisivo, e em vésperas de optar pelo modelo de Sociedade, que irá ditar e influenciar a sua evolução histórica, a caminho do seu imparável Destino.

Pela ignorância e confusão tão sabiamente preparada, está parte da nossa Sociedade perplexa e envolvida pelo abstencionismo, que a paralizou e a desmotivou à participação em actos primordiais, que implicam com o seu destino e da Sociedade, como seja o futuro acto eleitoral, que poderá ser forçadamente antecipado.

Temos assim uma Comunidade dividida em três facções. A primeira minoritária, ignorante mas activa, sem reservas nem escrúpulos, que dita leis, domina aberta e abruptamente toda a vida construtiva pela destruição e subversão dos valores consagrados e inerentes à nossa autêntica cultura e civilização, pelo assalto e luta, que caracteriza a sua dinâmica, que a consumir-se o seu designio, imporá global e cabalmente a escravidão, a perda da Independência e Liberdade Nacional, com todo o cortejo fúnebre consequente, ou seja a total e inequívoca submissão duma maioria passiva do Povo, a uma encarnizada, subversiva e feroz minoria sangrenta, empenhada na luta sistemática e de novo, pelo assalto ao Poder.

A segunda, presentemente talvez, de minoria escrupulosa e consciente dos seus direitos e deveres, de cidadãos democráti-

cos, responsáveis pelo seu destino, da Sociedade e da Soberania da Pátria, irá e está preparada para o acto eleitoral, na defesa dos valores consagrados.

A terceira, que se vislumbra a maioritária, encontra-se representada actualmente pelos descrentes e ignorantes, que se acoitam no seu conformismo ou comodismo inactivo, no não vale a pena o incómodo, o Destino dirá, que tanto lhes faz que o modelo a adibir seja de modelo libertador e autonomia, em responsabilidade, como de dependência e submissão a potências estrangeiras, incapazes por ora de discernimento suficiente à alternativa, que a breve trecho, se lhe poderá deparar, pelas circunstâncias, que são do conhecimento geral, ou deveriam ser.

Estamos portanto perante o dilema de opção de um Povo, que espanta pela ignorância e desencanta pela bagunça da cultura.

A Juventude cobiça, vitimada e traída, vive também o grande dilema po Povo, porque é parte essencial desse Povo, sofrendo arduamente as repercussões graves, inerentes às vicissitudes que se tem deparado à vida Comunitária, neste transe doloroso porque passa, porquanto é, ou deveria ser considerada a nata dessa Sociedade a defender e preservar das maléficas concepções ideológicas incutidas, com o intuito de igual e tenramente a subverter e submeter a padrões culturais não identificados com os ideais tradicionais, fundamentados em concepções ideológicas básicas humanistas e personalistas, depositárias de elevados padrões culturais e morais de dignificação do ser humano e da Comunidade que lhe deu origem e pertence orgulhosamente, soberanamente reconhecida em todos os quadrantes da esfera terrestre.

Perante mais uma difícil situação da evolução histórica da nossa Comunidade, que põem em causa a sua sobrevivência em Liberdade e Independência, resta a esperança que o Povo e, em especial a Juventude consciente e orgulhosamente heróica, como já deu provas em recentes factos históricos consagrados e assinados pelo 25 de Abril de 1974 e pelo 25 de Novembro de 1975, ambos identificados como Independência e Liberdade, assumidos com plena consciência, responsabilidade, venha se necessário, provar e demonstrar irrefutavelmente e para sempre, que o Povo deseja viver em Independência, Liberdade e Dignidade.

M. F. V.

«Quando as Folhas caem das Árvores»

Aqui temos à mão de semear, à nossa frente, perante os nossos olhos, o livro «Quando as Folhas Caem das Árvores», da autoria de João Patrício.

Folheamo-lo e lemos as poesias contidas nas suas páginas. Simples na estrutura, mas profunda no sentido, a poesia de João Patrício infunde quando lida atentamente, pela sinceridade, limpidez e convicção serenas de que está impregnada, uma amenidade, ou melhor dizendo, um climax espiritual propenso à meditação das motivações propostas.

Não desafia a tal, nem sequer lança um apelo, apenas o contexto numa gradativa sequência, prende e desperta a atenção para o que vem depois e para o desfecho culminante que nunca é reticente.

Vejam, como exemplo desgarrado, como o poeta trata o difícil tema «A Felicidade»:

Que vem a ser
A felicidade,
Nestas lutas
Do viver?
Dinheiro?

Honrarias?
Poder?
Nada disso.
Final!
— Amor ao próximo,
Respeito por nós,
O sorriso,
A voz
De uma criança
— E a paz,
A doce paz
Virginal
Do trinar
De um rouxinol
Que se balança
Ao pôr do Sol,
No galho de uma árvore
De quintal.

A cadência e a fluência das imagens fundem-se com a subjectividade e sublimidade do pensamento, convertido este a uma semiótica (conjunto de signos e símbolos) em que a entonação melódica da palavra lhe empresta suplementar expressividade.

O livro citado de João Patrício pertence às «Edições Excel'sion», sendo a empresa distribuidora «O Século» — (Rua do Século, 43 — Lisboa).

J. C. Viegas

CHEFE SECÇÃO TRANSPORTES

PRECISA-SE

LOCAL DE TRABALHO: Vilamoura

FUNÇÕES: Responsável pelo parque automóvel, competindo-lhe a gestão administrativa e oficial, e a coordenação da utilização das viaturas.

EXIGE-SE:

- Curso industrial completo (de preferência), ou equivalente;
- Conhecimentos de ordem geral, de características de tipos de veículos e de mecânica;
- Carta de condução;
- Experiência profissional anterior em actividades semelhantes;
- Facilidade de contactos e sentido de responsabilidade;
- Capacidade de iniciativa e organização.

OFERECE-SE:

- Ordenado compatível com a função;
- Subsídio de refeição;
- Regalias sociais em vigor na Empresa.

RESPOSTA C/ CURRÍCULUM DETALHADO PARA:
LUSOTUR — VILAMOURA

CANTINHO DA CRIANÇA

SECÇÃO DE E PARA A CRIANÇA

É SEMPRE TEMPO DE «ARBORIZAR»

«Arborizar» é sinónimo de plantar e por outras palavras, maneira de enriquecer o nosso bem conhecido património florestal. Vidé aquilo que se tem dito acerca da desertificação de algumas parcelas do Algarve.

«Arborizar», pensar na árvore e na data que a consagra é, por outro lado um tema ou temas relevantes e que merecem sempre um lugar particular das nossas atenções, designadamente das atenções juvenis.

Daí a razão por que, embora não coincidentes com o «Dia Mundial da Árvore», são publicadas em retrospectiva algumas das tuas reflexões relacionadas com a referida data.

J. C. Viegas

ESCOLA N.º 2 DE LOULÉ — 2.ª FASE DE ESCOLARIDADE

RESULTADOS DA VIVÊNCIA E ESTUDO DA SEMANA MUNDIAL DA ÁRVORE (De 14 a 21/3/79)

Os nossos pensamentos dirigidos à Árvore

Ó árvore, tu és tão útil, és um ser vivo, não fazes mal a ninguém; não andas, não falas mas eu gosto muito de ti e tu dás-me tanta coisa!

Jorge Manuel Sequeira Miguel — 13 anos.

Ó árvore, tu és o ser vivo da Natureza que mais dá ao homem!

Cândida Ribeiro — 9 anos.

Árvore, és um encanto, eu te amo porque me dás madeira e frutos!

Margarete — 10 anos.

Amiga árvore, tu nos dás a sombra, o calor e a delícia dos teus frutos!

Carmem — 11 anos.

Árvore bonita, que nos dás tanto do que precisamos!

Ana Paula — 9 anos.

Se não fosses tu, havia mais pessoas que morreriam de frio e sem oxigénio. Árvore, tu és útil de mais!

Megui — 8 anos.

Árvore, eu gosto de ti, tu dás coisas muito boas!

Angela Brio — 13 anos.

Ó árvore, eu já vi meninos a partirem-te e tu, tão boa que és, até o papel onde nós escrevemos nos dás!

Beldora — 9 anos.

Ó árvore, tu és a minha maior amiga porque me dás os teus frutos, e me deste o meu berço!

Carla — 9 anos.

Ó árvore, és tão bonita, e tão grossa, gosto muito de ti!

Filipe — 10 anos.

Ó árvore, tu és muito importante porque dás frutos, madeira, borracha, lenha para o lume e ramos para a frescura dos dias de Verão.

Angela D. — 9 anos.

Ó árvore tão bonita, dás tantas coisas lindas e frutos doces!

Adelaide — 10 anos.

Ó árvore, és tão elegante e nos dás saúde, dás os frutos, a cortiça, a madeira, és mesmo nossa amiga!

Paula Maria — 13 anos.

Árvore, tu és tão minha amiga que mereces uma medalha grande a dizer que és a melhor amiga dos homens. Árvore agradeço-te muito tudo o que fazes e dás!

Nuno Miguel Fontes — 8 anos.

Ó árvore, tu és muito útil para o homem, dás-lhe tudo: o calor, o lume, a sombra, a frescura, a casa, o berço, a cama e o caixão!

João Joaquim Baptista Romão — 13 anos.

Árvore, tu és que me dás os frutos para a minha alimentação e os troncos para me aquecer no Inverno!

Nelson — 9 anos.

Árvore, tu não te aborrecas ficar aí, sempre parada? Anda passear comigo, gosto tanto de ti!

Jorge Olímpio — 9 anos.

Árvore, sem ti, eu não podia viver porque tu dás o oxigénio que respiro, o ar!

João José — 8 anos.

Ó árvore tu dás frutos para eu comer e folhas para me refrescar no Verão; sem ti eu não podia viver porque tu me dás oxigénio, calor, e belas flores!

José Cuperino — 11 anos.

Árvore, és nossa amiga, e para mim és a minha melhor amiga, dás-me madeira, lume, oxigénio, eu sei lá tantas coisas!

Paulo A. — 8 anos.

Árvore, se não fosses tu, nós todos não tínhamos casa, não tínhamos cama. Eu já andei em cima de ti a apanhar os teus frutos.

Paulo Jorge Magalhães — 9 anos.

Árvore, tu dás-me os frutos, a mobília e até a casa para eu viver.

Luísa Paula — 8 anos.

INATEL PROMOVE I Festival de Música Popular

Consciente de que o conhecimento e o respeito pelas tradições e manifestações populares, constituem uma bela e valiosa forma de assegurar o bom entendimento entre trabalhadores, regiões, zonas e povos, o INATEL tem vindo a dedicar o maior interesse a todas as manifestações artísticas que se enquadrem no campo da cultura popular, nomeadamente no que respeita às actividades musicais com implantação profunda nas tradições portuguesas.

Daí, a atenção que tem vindo a dedicar aos problemas dos agrupamentos musicais populares constituídos predominantemente por trabalhadores e a preocupação que sempre tem demonstrado pela solução dos seus problemas.

Entendemos, porém, que não basta o auxílio material e a assistência técnica por muito valiosas que sejam.

Pensamos que também é necessário chamar a atenção de todo o País para a acção desenvolvida por tais agrupamentos, os quais representam um património inestimável, sem o qual a cultura portuguesa seria significativamente mais pobre.

Com essa finalidade vai o INATEL promover, no final de Setembro deste ano, uma grande realização, o nível nacional, a qual não poderá deixar de contribuir para a tomada de consciência do que todos nós, em maior ou menor grau, devemos à dedicação e ao esforço daqueles que nos seus tempos livres, se dedicam à música, quer instrumental quer coral.

A esta realização, que englobará centenas de concertos e dezenas de desfiles, em todo o País, e que decorrerá de 22 a 30 de Setembro foi dada a designação de

I FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR

É evidente que, para o levarmos a cabo, em toda a sua plenitude, é necessária e fundamen-

tal a colaboração dos que, nas Bandas e Filarmónicas, nas Tunas e Orquestras Típicas, nos Coros e Orfeões, fazem música por amor e por inclinação natural, tendo sido já contactadas cerca de 1010 organizações, convidando-as a participar, no que adivinhámos se venha a transformar em mais uma magnífica jornada de difusão da cultura genuinamente popular que desejamos possa contribuir para o fortalecimento dos laços de amizade e compreensão entre os trabalhadores de todas as regiões do nosso País.

Do programa, que já se encontra delineado, e que visa prioritariamente a descentralização das actividades que integram o I FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR, constarão as seguintes realizações:

Dia 22 — ABERTURA — Concertos de Bandas e Corais em: Lisboa, Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Coimbra, Castelo Branco, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real, Viseu, Portalegre, Madeira e Açores.

Dia 23 — Realização em simultâneo de concertos em cerca de 400 localidades diferentes.

Dia 24 — Abertura do Colóquio sobre Música Popular Portuguesa no Teatro da Trindade (Lisboa).

Dia 25 — Concertos em: Lisboa (Teatro da Trindade), Penafiel e S. João da Madeira.

Dia 26 — Concertos em: Chaves, Cadafes da Rainha e Moura.

Dia 27 — Concertos em: Estremoz, Guimarães e Mirandela.

Dia 28 — Concertos em: Fundão, Figueira da Foz e Torres Novas.

Dia 29 — Concertos em: Loulé, Covilhã, Ponte de Lima e Lisboa (Estufa Fria).

Dia 30 — Desfile de Bandas e espectáculo de encerramento em Lisboa. Desfile de Bandas em: Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Coimbra, Castelo Branco, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real, Viseu, Portalegre, Madeira e Açores.

SERVIÇO DE AVISOS DO ALGARVE

1 — MILDIO DA VINHA

As quedas pluviométricas registadas da 5 a 15 de Abril originaram o aparecimento de alguns focos primários de Mildio da Videira em zonas da Província mais propícias ao aparecimento desta doença, nomeadamente Rogil, Aljezur, R. Algre, Nave do Barão e dos Cordeiros, etc.

Admitindo que possam ter surgido algumas infecções secundárias de Mildio da Videira, recomendamos a aplicação imediata de um tratamento, utilizando um dos fungicidas orgânicos ou organo-cúpricos, segundo as substâncias activas indicadas nas nossas circulares anteriores.

Recordamos os Senhores Viticultores, que as vinhas estão numa fase de grande crescimento e, como tal, devem evitar o aparecimento dessas superfícies folhaves da videira sem protecção de fungicidas, recorrendo mais amiudadamente à aplicação de produtos pesticidas, no momento presente.

2 — ALTICA OU PULGAO

Têm surgido já pequenos focos deste inimigo, talvez em vinhas menos cuidadas, pelo que se preconiza o uso de insecticidas por nós recomendados nas circulares anteriores.

3 — OÍDIO POEIRA OU CINZEIRO

Como as vinhas da Região se encontram na sua quase totalidade num estado vegetativo propício ao aparecimento desta doença, desejamos recordar aos Senhores Viticultores, que não devem descorar as suas vinhas, de modo a tê-las protegidas com enxofre em pó nesta época do ano. Também são recomendados os produtos tendo por base a Calda Sulfo-cálica e Dinocape.

CITRINOS

MOSCA DA FRUTA

Devem os Senhores Citricultores

res prevenir-se contra novos ataques de Mósca da fruta, nas variedades de maturação tardia, visto que já se observaram capturas de adultos embora em número reduzido.

ATENÇÃO:

Para melhor esclarecimento devem os Senhores Agricultores dirigir-se ao Serviço de Avisos do Algarve R. do Município, n.º 13, telef. 22284 — Faro, de modo a poderem consultar a sua última circular de 4-5-1979.

Recomenda-se que tenham o maior respeito pela saúde pública, de modo a cumprir rigorosamente os intervalos de segurança, para que o consumidor possa adquirir, tranquilamente, os produtos da nossa Agricultura, sem os perigos ocasionados pela aplicação desordenada dos pesticidas.

PRÉDIO VENDE-SE

Com chave na mão, na Rua Gil Vicente, 23.

Tratar pelo Telef. 62765 — LOULÉ.

(4-1)

ANDAR EM QUARTEIRA

Vende-se um apartamento (4.º andar) em Quarteira com 3 assoalhadas, bons acabamentos e em boas condições. Próximo da praia.

Tratar com o próprio pelo Telef. 62127 — LOULÉ.

(3-1)

GARDENS AND SERVICES NLIMITED

PESSOAL - PRECISA-SE

PARA JARDINS:

- Ajudante canalizador
- Electricista ou Ajudante e outros

Contactar nos escritórios desta firma, ao lado do Restaurante Pitucha em Almansil

ALBUFEIRA DESAFEIÇOADA

(continuação da pág. 1)
blema dada a estreiteza das ruas e aglomeração de pessoas. Sucede-se os engarrafamentos pelo que o problema só se resolverá satisfatoriamente com a construção de circulares. A abertura de uma nova via de acesso à estrada das Ferreiras, facilitou de certo modo a saída e entrada do trânsito na vila. As bichas nos mercados, as lamentações das donas de casa, a sujidade das ruas, constituem também preocupações das entidades autárquicas que sentem os problemas das populações incapazes de acompanhar o ritmo da inflação. Se por um lado os turistas beneficiam com a desvalorização do escudo, nós não aguentamos a especulação crescente, os preços exorbitantes das coisas de primeira necessidade.

Sobretudo, em meios de grande desenvolvimento turístico como é o caso de Albufeira,

E não faltam por aqui, os turistas rapinantes, nacionais ou estrangeiros, sempre prontos a aproveitarem o descuido ou o desleixo dos transeuntes. Quanto à Cultura, ainda que se fale o calão em todas as línguas, está comple-

tamente desprezada. Não existem edifícios condignos para as escolas primárias, há um total desinteresse pelo passado histórico da vila, pelas manifestações educativas e recreativas. Os albufeirenses não acodem a defender a sua fama. Quem visita Albufeira apercebe-se do convite social à degradação de valores, jovens esfumados em drogas, insatisfeitos nos bares, nas boites ou estendidos no chão roendo as unhas de desespero.

Albufeira não possui infra-estruturas que acompanhem o desenvolvimento turístico. Uma política de carências de toda a ordem, que tem impedido os melhoramentos necessários ao bem-estar social.

E como poderá a praia comprimi- da suportar tanta gente na escassa areia, por vezes, cheia de lixo? E que esperam os responsáveis para construir vias de acesso para automóveis e parques de estacionamento? É esta a triste panorâmica que se nos apresenta. Albufeira precisa de achegas financeiras para acompanhar a expansão do turismo.

Luís Pereira

TOYOTA DINA

VENDE-SE

CAMIONETA TOYOTA DINA EM ESTADO NOVO, COM 20.000 KMS, COM UM ÚNICO DONO — VENDE-SE.
TRATAR DR. JACINTO DUARTE — TELEFONE 62747 — LOULÉ.

(4-1)

CADA VEZ MENOS MIRADOURO

(continuação da pág. 1)
comprimia, a povoação transbordou e derramou-se a seus pés.

Do jardim sobranceiro passou-se a avistar, à medida que Loulé se ampliava, não já uma panorâmica estritamente campesi- na mas um aglomerado de casario sulcado de artérias, que visto de cima infundia a ideia de um caprichoso «croquis».

De qualquer modo este conjunto urbano (de linha horizontal) sempre se harmonizou com os segundos planos, nunca estorvando e destoando da largueza de vistas disfrutadas do miradouro, que se cambiou através das épocas históricas de toponímia, nem por tal deixou de contar com a sua posição privilegiada, única nesta vila de Loulé.

E por ser única, quanto a nós, deveria ser salvaguardada.

Não acontece assim, pelos vistos. E quem está a compromete-la é o crescimento compacto da urbe, que agora, perante as determinantes económicas actuais, se projecta na vertical.

Desta feita, mais um prédio em construção vai dentro em breve anexar outra porção de espaço que será retirado ao cenário avistado do «Jardim dos Amuados».

Assim deste modo, de fracção em fracção, chegará um dia que do miradouro pouco restará praticamente, ficando em contrapartida, o ainda hoje aprazível recanto público, reduzido a insignificância de um mediocre e melancólico canteiro (igual a tantos outros), justificadamente «amuado» com a sua sorte.

J. C. Viegas

Carta do Canadá

(continuação da pág. 1)

Junta de Freguesia diz que reconhece os erros os quais não são de sua autoria e que ainda evitou outros; o secretário e o presidente da A. F. demitiram-se; a obra está aquela enfermidade que toda a gente sabe; o senhor Presidente da Câmara, disse que «a edilidade não tem nada a ver com o assunto» o que torna intuitiva esta pergunta: O que é uma Câmara Municipal, dentro de um concelho?

— Bem, tudo o que até ao momento tem sido feito e dito não satisfaz as gentes do Ameixial e em geral da freguesia, que pretendem é a água e as coisas esclarecidas na sua nudez e que a lei sancione com peso e medida quem merece.

Ora, movido pelo imperativo dos factos sou impellido a chegar a esta pungente conclusão: — Nem essa pobre freguesia escapou ao efeito de curandeiros, genuína casta que, só conhece os inversos da competência, e da responsabilidade, e assim ambas em harmonioso amplexo, compõem o prato típico que no quotidiano desfila no écran da nossa (funesta) democracia «à portuguesa» ainda, sob inspiração dos simplórios do mestre Mário.

Sei que falar assim é botar cá para fora anti-progressismo, mas na verdade não posso visualizar de bom agouro essa evolução que vivos nos vai enterrando. Todavia não pretendo ferir susceptibilidades, mas francamente que às vezes me chega facilmente ao nariz o hálito de certas lérias... e sem querer desvirtuar patriotismos porque o Povo é sempre o povo!... Eu, gostaria de amistosamente lem-

brar ao sr. do GAPA, que publicou uma carta no n.º 709 de 11/1/1979 deste jornal que, o seu exposto não prima pela clareza no que concerne à freguesia do Ameixial!

— Seja de que maneira for, essas gentes não merecem ser enxovalhadas como está acontecendo.

E para terminar deixo estas interrogações — «quem vai revidicar a culpabilidade»: o sr. Presidente da Junta de Freguesia? Ou a Câmara Municipal?

Joaquim Afonso Revez
Canadá

Goncinha (Loulé)



JOAQUIM MARTINS
VICENÇA

AGRADECIMENTO

Sua família, agradece a todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada, numa derradeira expressão de pesar que calou fundo nos seus corações.

Para todos o penhor da nossa gratidão.

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

ceosos de cair em qualquer cilada, participaram os cristãos a D. Paio este facto. O valente cabo de guerra tomou as devidas providências e ordenou o escalamento do castelo. Então viram que este estava completamente abandonado. Durante a anterior noite, reunidos os principais mouros em conselho resolveram desamparar precipitadamente o castelo, não só porque lhes era impossível a sua defesa, mas porque nas alturas do Serro da Pena ainda podiam por alguns dias sustentar-se até que chegasse o reforço dos seus soldados de Paderne e Silves, que, a cada momento, esperavam.

Tão precipitada foi a fuga, depois de muito à pressa guardarem os seus tesouros no fundo da cisterna, que até se esqueceram da filha do governador, que costumava passar horas no mais alto muro do castelo em oração.

Não andaram de todo desavisados em escolher o Serro da Pena para ponto de sua defesa, pois que este lhes ofereceu ocasião a uma séria resistência.

O falecido Estácio da Veiga descreveu um alqueirão, que ali existe pela seguinte forma:

«A caverna ou alqueirão denominado Poço dos Mouros, Caverna dos Mouros ou Buraco dos Mouros, é a mais profunda da província e merece especial menção. Encontra-se a sua entrada sobre o planalto do Serro da Pena, e que, neste lugar, descai um tanto para o sul. Não se descobre a sua abertura senão quando se está junto dela. A montanha, em razão das muitas convulsões por que tem passado, está cheia de amontoamentos de pedra (4); a sua altitude junto à entrada da caverna é de 455 metros, medindo uns vinte metros de circunferência, sobre 5 de profundidade, mas só pelo lado do nascente se pode descer... Tendo-se descido, acham-se muitas fendas, e para o nascente duas aberturas, uma à esquerda de 7 a 8 palmos, e outra mais pequena, à direita, por onde uma pessoa, de grossura mediana, pode passar e descer a uma profundidade de 12 a 15 palmos onde se encontra uma câmara iluminada pelas frestas do solo ondulado e escorregadio, com 30 palmos em todas as suas dimensões.

«Esta caverna é assunto de superstições entre os habitantes dos arredores, que só se lhe aproximam com certo terror sem que todavia se atrevam a visitá-la... O nome de Poço dos Mouros provém (referem os habitantes dos arredores) de ter sido habitado

pelos mouros, que se bateram sobre a montanha no tempo da sua expulsão do Algarve.

«A este respeito colheu Carlos Bonnet uma lenda que não reproduziu na sua *Memória*».

Encontra-se este alqueirão na parte mais elevada do Serro da Pena, e dizem as tradições locais que ali descansavam os mouros nos intervalos do combate.

É tempo de mencionar as lendas que ainda ali correm referentes às mouros encantadas.

X
X X

O governador do castelo de Sailr tinha uma filha, que era o seu enlevo. Não havia nos arredores mulher mais gentil. No seu olhar percebia-se a inocência dos anjos.

Era a formosa moura em extremo afecta às suas crenças e odiava de morte os nazarenos. Todas as noites subia nos muros do castelo e no mais alto elevava ao céu os seus formosos olhos e implorava de Allah as bênçãos para o seu povo. Conservava-se voltada para o oriente horas esquecidas em profunda meditação nas memórias sagradas de Meca. Seu pai depositava nela tanta confiança que, muitas vezes, recolhia ao quarto de dormir, deixando nos muros do castelo a sua virtuosa filha.

Na noite em que o conselho formado pelos serracenos resolveu desamparar precipitadamente o castelo, mandou o governador avisar sua filha que escondesse à pressa os tesouros na cisterna e que acompanhasse até o Serro da Pena as mulheres mouros, que saíam adiante. Infelizmente, ocupados todos em esconder os seus tesouros, a moura gentil não recebeu o aviso paterno; e enquanto todos saíam dali, na calada da noite, sem fazer o mais pequeno ruído, a filha do governador fazia oração no mais alto muro do castelo.

Quando o governador chegou às alturas do Serro da Pena e não encontrou entre as agarenas a sua filha querida, teve a profunda compreensão da sua desgraça: ficara sobre os muros em oração porque não recebera o seu aviso!

Correu por sobre o Serro da Pena e foi colocar-se no ponto de onde podia ver os muros. Nesse momento subiu a lua no ho-



CARTA DE FARO

ARCO DA VILA

— Roteiro Cultural

Já é por duas vezes em sessões culturais, e estas verificadas no mesmo local, que nos temos surpreendido com a forma de participação activa do público, quer acompanhando o evoluir do trabalho dos artistas quer na sua presença, que foi sempre em elevado número.

A 1.ª foi com a participação da Orquestra e Coro Gulbenkian, na Semana Santa. Acontecimento de vulto não só pela presença de tão importante agrupamento, com o tema que ali ia ser executado, Requiem a Camões, de Domingos Bontempo.

A 2.ª foi agora, 30 de Abril, o III Encontro de Coros do Algarve.

Importante iniciativa levada a efeito com a colaboração das seguintes entidades:

Câmaras Municipais de Albufeira, Faro, Lagos, Monchique, Tavira e de Silves e FAOJ e da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

Encontro importante, como dissemos, mas tal só foi possível com a habitual «carolice», de uns quantos cidadãos que, habitualmente, dão todo o seu esforço e que a cidade de Faro bem os conhece, foi obra que orgou os 200 contos se atentarmos, também pela elevada presença de coralistas, cerca de 300 vozes.

Analiseemos individualmente os coros:

Actuou em 1.º lugar o Coro Misto do Grupo Cultural da Colvilha.

Excelente esforço para a manutenção do Grupo já que é composto de alguns muito jovens e cuja idade média do Coro é de 17 anos. Devido à sua pouca idade a harmonia e a dicção não eram bem trabalhadas.

Seguidamente actuou o Orfeão de Castelo Branco. Composto por vozes mais maduras. Gostámos de «Romarias da Idanha», sobretudo a parte final.

O Grupo Coral de Lagos era

o mais jovem, em existência e tinha uma particularidade, de ter no seu seio estrangeiros.

Cá está uma das formas positivas de inserção à cultura local, dos estrangeiros que nos escolhem por algum tempo, a nossa terra para viverem.

Gostámos de «Galop» de J. Offenbach, que teve o merecimento a bis.

O que foi considerado como vedeta, pela eterna presença destas e outras lides, o Dr. Joaquim Magalhães, confessamos que nos desiludiu de algum modo.

Para já no seu programa para aquela noite, nem uma canção em Português.

Com alguma expectativa surgiu-nos o Coro do Conservatório Regional do Algarve. Ficámos surpreendidos pela desenvoltura e maturidade da actuação. Gostámos do «Kirie» e bem assim dos solistas, já que foi o único coro que os apresentou em destaque.

O Coro Regina Coeli, tal como indica é a inspiração religiosa e a sua actuação baseou-se em música de inspiração Litúrgica. Bom trabalho de timbre e de afinação de vozes.

O Coral Polifónico de Coimbra, para nós foi o que agradou mais. Mais versátil. Apresentou instrumentos, Piano, Adufe e Flautas. Com um maestro espectacular, tivemos um final de actuação bastante alegre.

O final que se esperava foi de veras grandioso. As 300 vozes interpretaram «Odi et Amo», sob a direcção de José M. Pedrosa; «Glória», sob a direcção de José Pedro Martins e «Canticorum Júbilo», sob a direcção de António Joaquim Lourenço que, teve a virtude de se voltar para o público e incitá-lo a acompanhar os coralistas.

Apreciamos como foi posto muito entusiasmo durante o Encontro. A salutar confraternização entre os seus membros. São amizades que perdurarão na

certeza que tais iniciativas têm uma longa duração.

Por último duas palavras. Pela forma inteligente como a Igreja Algarvia soube adaptar às novas realidades culturais. Não poderá haver outro melhor local para este género de manifestações culturais.

Bem hajam pela continuação de esforços que conduzam a estas realizações, todos aqueles que desinteressadamente, se põem ao serviço da cultura e da nossa terra.

Carlos Simões

A ANOP ENCONTROU-SE COM A IMPRENSA REGIONAL

Decorreu no passado dia 5, no Hotel Eva em Faro, um Encontro promovido pela ANOP, em que estiveram presentes os principais jornais algarvios, para estudo e análise das possibilidades de uma maior colaboração da Agência Noticiosa Portuguesa no âmbito da Imprensa algarvia.

O dr. Horta Lobo, do Conselho de Gerência, explicou o que é a ANOP como empresa numa breve exposição lúcida e precisa. O cap. António Ramos, numa intervenção necessariamente mais demorada referiu-se à possível colaboração com a imprensa regional. Afirmou categoricamente que a ANOP 79 nada tem a ver com a ANOP 75. Embora com certas dificuldades a ANOP julga ter encontrado algumas respostas válidas para os problemas mais prementes. Ela afastou-se do conceito de comunicação social para se dedicar à informação. A Agência está em óptimas condições para resolver casos técnicos pontuais, divulgar o jornalismo nas camadas mais jovens da população, fornecer notícias em quantidade e qualidade no momento oportuno.

Os representantes dos jornais expuseram os seus problemas comuns, o custo da produção dos jornais em virtude das suas tiragens pequenas, o custo da gravura, a falta de leitura, a falta de apoio técnico, humano e financeiro à imprensa regional, etc., etc..

A ANOP garantiu o seu apoio e reafirmou o salto que a im-

(continuação da pág. 1)

são irrefutáveis, a menos que nova e mais válida prova se sobreponha, invalidando-as, o que não constituiria caso inédito.

Quando se trata de uma previsão, mesmo de uma previsão baseada num balanço das condições vigentes, tudo muda de figura. É preciso ser-se profeta, ou tentar sê-lo.

Então, surgem as hipóteses, também... Admitindo o prolongamento do ramo ortogenético de que o homo-sapiens é o arquétipo, a fase seguinte converge, segundo os visionários e os poetas, para o super-homem.

Mas este super-homem, não poderá ser produto do acaso, nas consequências de uma nova linhagem, de uma nova mutação ou tipo. Mantem-se, porém a dú-

vida de como isso se processaria.

Entretanto as condicionantes físicas e biológicas são bem conhecidas.

O homem está adequado às leis naturais que regem a criação. Isto é, as criaturas coexistem, em estado de harmonia com o mais ecológico que as envolve.

O que neste âmbito se passa é com efeito preocupante.

O equilíbrio biológico foi deteriorado ou comprometido: a distribuição do reino vegetal foi barralhada; a espécie humana multiplicou-se em escala vertiginosa; o esgotamento dos recursos naturais está próximo; e a própria inquinação dos elementos é uma constante por ora irreversível.

Não são optimistas os prognósticos sobre a progressiva evolução humana.

Antes pelo contrário, eles convergem para uma paragem, se não mesmo para a sua regressão. Ter-se-á dito tudo?

Cremos sinceramente que não, pois a sapiência humana é falível quando se deita a adivinhar.

A transcendência não se acomoda ao cognoscível.

E com ela temos também de contar.

J. C. VIEGAS

Polícia Judiciária

Inspecção de Faro

COMUNICADO À IMPRENSA

A Inspecção de Faro da Polícia Judiciária, após aturadas diligências, apreendeu recentemente no Barlavento algarvio, cerca de vinte e quatro mil francos franceses falsos — em notas de cem francos — quatro armas de fogo de calibre proibido e importante quantidade de munições.

Também na mesma altura foram apreendidos nove e cinco comprimidos de LSD, uma pequena porção de haxixe, grande quantidade de divisas estrangeiras detidas ilicitamente, electrodomésticos, diamantes e artigos de ouro e prata que se supõem ter proveniência criminosa.

Na altura foram feitas três prisões.

Salienta-se que desde o início do presente ano a Inspecção de Faro da Polícia Judiciária já apreendeu cerca de cinco quilos de haxixe, quatro armas proibidas — uma das quais de calibre de guerra — electrodomésticos, vestuário e diversos outros objectos provenientes de furto, bem como três viaturas.

Foram ainda efectuadas vinte e duas prisões, das quais nove por envolvimento em estupefacientes, três por passagem e detenção de moeda falsa, duas por furto, duas por detenção de armas proibidas e seis por existirem contra os detidos mandados de captura.

Assinala-se ainda que durante os festejos carnavalescos ocorridos no Algarve, com o apoio da Secção Central da Prevenção Criminal de Prevenção Criminal, foi montado um esquema de relativa envergadura destinado à prevenção dos furtos de carteiras.

Durante o verão vão ser desenvolvidos esforços redobrados no campo de prevenção da criminalidade, tais como rusgas periódicas, para o que desde já se solicita a melhor compreensão e apoio do público, lembrando a vantagem de todos se fazerem acompanhar sempre dos respectivos documentos de identidade.

Faro e Inspecção da Polícia Judiciária em 7 de Maio de 1979.

NOTÍCIAS DO AMEIXIAL

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO

No último domingo, dia seis do corrente, deslocou-se ao Ameixial, uma delegação do P. S. D., a fim de aqui proceder a uma sessão de esclarecimento, da qual faziam parte os Senhores Dr. Cristóvão Norte, deputado pelo Algarve; Dr.ª Odete Guerreiro, professora liceal, e José Pereira Pires, construtor civil, estes dois últimos, membros da Assembleia Municipal do Concelho de Loulé. Acompanhava a referida Delegação, o Senhor Manuel Costa, militante do mesmo partido.

A referida sessão de esclarecimento realizou-se no salão paroquial desta freguesia, que não abordou propaganda partidária, mas sim o tema o «Poder Local», que foi ouvida com toda a atenção e sem demagogia política por parte de toda a assistência, que em grande número enchia o referido salão.

Os citados oradores foram muito aplaudidos pelo público e por ele várias vezes interrompidos nas suas dissertações, com prolongadas salvas de palmas, pois o tema abordado foi a todos os títulos muito oportuno e

feliz, visto os esclarecimentos proporcionados a tal respeito, serem ignorados da maioria do público da freguesia, o que é natural, até por a Lei das Finanças Locais, ter sido aprovada já no fim do ano transacto e publicada no Diário do Governo em 2 de Janeiro de 1979. Esclarecimentos desta natureza, são muito úteis e por isso oxalá que se tornem a repetir com certa frequência também por outros partidos, visto que, doutrina partidária, só, não chega.

No caso vertente, algo de útil e interessante ficou o público a saber e muito especialmente que os assuntos de qualquer freguesia, não podem e nem devem ser apenas tratados pelo Presidente da Junta de Freguesia, sem que primeiramente seja consultada a Assembleia, poderá ou não autorizá-los, conforme os casos.

Falando muito democraticamente destes assuntos: a Assembleia da Freguesia é a mãe e o Presidente da Junta o filho. Tudo o que se fizer em contrário, está errado. E neste aspecto há por aí muita coisa errada!

Manuel Francisco Júnior

Comissão Pró-Casa da Cultura de Loulé

PROGRAMA DE ACTIVIDADES PARA O MÊS DE MAIO

— Atelier de Expressão Plástica para crianças — Em 5 de Maio, pelas 10 horas, na sede da Comissão.

— Abertura da Escola de Fantoches para crianças — Em 5 de Maio pelas 15 horas, na sede da Comissão.

— Atelier de Expressão Plástica para Crianças (cont.) — Em 12 de Maio pelas 10 horas, na sede da Comissão.

— Escola de Fantoches para crianças (Cont.) — Em 12 de Maio pelas 15 horas, na sede da Comissão.

— Convívio Desportivo (Ginástica Desportiva — Mini-Basquete) — Em 12 de Maio pelas 15,30, no Pavilhão da Escola Secundária de Loulé.

— Atelier de Expressão Plás-

tica para crianças (cont.) — Em 19 de Maio pelas 10 horas, na sede da Comissão.

— Escola de Fantoches para crianças (cont.) — Em 19 de Maio, pelas 15 horas, na sede da Comissão.

— Filmes de Charlot (continuação do Ciclo iniciado em 25 de Abril) — Em 19 de Maio, pelas 17 horas, na sede da Comissão.

— Atelier de Expressão Plástica para crianças (Cont.) — Em 26 de Maio, pelas 10 horas, na sede da Comissão.

— Escola de Fantoches para crianças (cont.) — Em 26 de Maio pelas 15 horas, na sede da Comissão.

— Convívio Desportivo (Ginástica Desportiva — Mini-Basquete) — Em 26 de Maio pelas 15,30, no Pavilhão da Escola Secundária de Loulé.

A COMISSÃO